

Editorial

Neste mês o grupo PET retorna às suas atividades cotidianas: com o término do XI Sulpet, o grupo tem mais tempo e fôlego para tocar as atribuições da tríade pesquisa-ensino-extensão. Sobre o evento, em poucas palavras pode-se afirmar que foi um sucesso. Publicamos neste mês uma nota especial sobre o mesmo. Agora, é trabalhar para por o serviço em dia! No mais, seguem as sessões tradicionais: um artigo científico, a sessão PET-Indica, e a seção de eventos. Boa leitura!

Grupo PET-Geografia FAED/UDESC

Nessa edição:

Página

Resenha: “Estudo Sobre o Conceito de Região.....	02
XI SULPET.....	13
PET-Indica.....	14
Eventos.....	16
Chamadas.....	17

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Cauê Marques, Crisley Silveira Raitz, Cristina Maria Dalla Nora, Daniel Pereira de Lacerda, Emmanuel dos Santos Costa, Fernanda Cerqueira, Juliana Lício de Oliveira Baretta, Lívia Ceretta, Maria Luiza Rovaris Cidade, Morgana Giovanella de Farias, Nicole Cristina Scheidt Schmitt, Rodrigo da Silva Leite Amaral. Tutor(a): Vera Lúcia Nehls Dias.

Edição: Emmanuel dos Santos Costa

Revisão: Cauê Marques

Colaboração: Cauê Marques, Juliana Lício de Oliveira Baretta e Vera Lúcia Nehls Dias

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Arial.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeo.udesc@gmail.com

Resenha: “Estudo Sobre o Conceito de Região” de Áurea Correia de Miranda Breitbach

Cauê Marques

cauemail@gmail.com

Dentro do que permeia a função do geógrafo como principal e mais preparado atuante na análise da relação entre a sociedade e o meio natural, é necessário, entender e conceituar aquilo que se pretende analisar dentro desta relação: a região. Com uma infinidade de conceitos díspares disponíveis no meio científico – sejam estes conceitos vindos de geógrafos, ou não – existem também, uma porção de conceitos repetitivos e maçantes, que não depuram sobre o conceito de região em si. Existem, porém, correntes do pensamento regional, bem como autores que tratam a região de maneira mais aprofundada, voltada ao âmbito geográfico. São estas correntes e autores, o escopo do trabalho de Áurea Correia, no texto “*Estudo sobre o conceito de região*”, resultado de sua dissertação de mestrado, publicada em 1988.

Partindo da análise de vários autores, Áurea demonstra no cerne de seu trabalho, uma comparação entre autores que atrelam a região a uma delimitação territorial fundamentada, principalmente, pela economia; e autores que trabalham a região de uma forma a voltar seus estudos para as relações sociais importantes, como o fluxo de pessoas de uma área à outra, ou tratando também da cultura e da história da formação do espaço a ser analisado – lembrando, da concordância de Milton Santos quanto a este último conceito, mais processual: "(...) uma dimensão que é, de uma só vez, temporal e espacial. Lugares e áreas, regiões e subespaços são, pois, unicamente áreas funcionais, cuja escala real depende dos processos" (Santos, p.176).

A autora do texto deixa claro desde o princípio que o objetivo do trabalho é analisar um dos ramos da subdivisão do pensamento geográfico sobre a *questão*

regional, tratando do ramo que concebe a região como um espaço socialmente constituído, examina a relação entre a região e o modo de produção, e não tem como preocupação delimitar um território.

Por questão regional, explicita Áurea.:

A expressão questão regional é utilizada aqui tão somente para designar, de forma ampla e geral, o somatório de temas comumente denominados pelas expressões: regionalismo, regionalização, desequilíbrios regionais, conceituação de região e assuntos correlatos. (p. 17)

É vital o trecho do texto que trata da lembrança da função da ciência: que é a de desvendar a essência expressa no fenômeno. Dentro da formação do conceito de região, não existe aprofundamento suficiente até então, em virtude das abordagens simplistas que são, em geral, apenas abordagens empíricas. O “desvendar a essência expressa no fenômeno” (Breitbach, p. 22), trata do cruzamento entre os dados empíricos e os dados teóricos – da relação entre prática e teoria.

No estudo proposto por Áurea, existe uma divisão entre dois grupos de concepções do conceito de região: as convencionais e as avançadas. Dentro daquele primeiro grupo, fazem parte a escola alemã (composta por nomes como Von Thünen, e Lösch), a escola francesa (dentre os principais cita a autora Perroux e Boudeville) e resta ainda, a Teoria da base Econômica de exportação. Este grupo se caracteriza por trabalhar baseado na abstração do sistema social que está na origem da formação regional: não leva em conta, no bojo de sua análise, o condicionamento histórico do objeto estudado, e trata de forma aberta a importância da economia na sua contextualização.

Em oposição àquele primeiro grupo, o segundo grupo, das concepções avançadas, considera como ponto de partida de suas análises a existência de uma sociedade com determinantes históricos, culturais, e políticos – dentre outros fatores.

Dentro dos conceitos de região tidos como convencionais, trata a autora dos conceitos de Von Tünen, Christaller, Lösch, Perroux, e Boudeville, além da Teoria da base Econômica de exportação.

Von Thünen priorizou, em sua análise da região, as áreas de cultivo agrícola. Desenvolveu, a “Teoria da localização agrícola” que consistia em um modelo de região isolado das demais regiões, com autonomia díspar em relação à divisão internacional do trabalho – que é, por si, o advento da interdependência econômica estabelecida entre os países a partir da concretização do capitalismo. Von Thünen cria um modelo

circular, onde no centro da circunferência, localiza-se a cidade que se constitui no único mercado para produtos agrícolas – que são divididos em iguais áreas de produção nas periferias deste centro. Para Von Thünen, a região existe pela preocupação conjunta das atividades produtivas, com a preponderância de variáveis como os custos de produção – interpretados então, pela soma da renda da terra com o custo de transporte. Existe, neste modelo, a priorização do meio agrícola como principal fator “regionalizante”. Talvez a falha de Von Lütthen Thünen, reside na superestima da produção agrícola em detrimento ao crescimento do centro consumidor – núcleo do seu próprio modelo.

A visão de Christaller, segundo o texto de Áurea, preocupa-se com a ordem que rege a distribuição espacial dos núcleos urbanos em seu conjunto. Christaller trata de conceitos fundamentais para o entendimento da região a partir de um núcleo urbano moderno: conceitos como centralidade, região complementar e hierarquia, fazem parte do corpo de sua análise. Dentro destes conceitos, desenvolve, então, a Teoria do Lugar Central, que traz como idéia de centralidade a função da cidade em se constituir no meio de uma região. Tem-se, então, a partir deste prisma, uma região partindo do conceito de uma cidade concêntrica, com um núcleo urbano envolvido por demais áreas dependentes deste próprio núcleo – sendo estas áreas as responsáveis pela pulsação econômica e pela pulsação de fluxos humanos. Neste sentido analítico do núcleo urbano lembra o urbanista Le Corbusier

A cidade radioconcêntrica industrial faliu. Ela molesta os homens impondo as circulações quotidianas, mecânicas e frenéticas, e determinando uma mistura congestionada dos locais de trabalho e dos locais de habitação; cinturões sucessivos e sufocantes, interpenetrando-se como engrenagens, estabelecimentos industriais e bairros de comércio, oficinas e subúrbios, subúrbios próximos e distantes (...). (1971: p.10)

Áurea coloca também que a visão regional de Christaller, como a visão de Von Thünen, está colocada junto do fator econômico: “Suas formulações fundamentam-se no princípio da racionalidade econômica” (Breitbach, p. 30). Existe também um importante resgate da noção de hierarquia através da importância/eficiência das regiões complementares – nas bordas do núcleo urbano.

A visão de Lösch, na apresentação de Áurea, é tratada como uma reformulação (melhorada) da teoria de Christaller. Losch trata de determinar a distribuição ótima das atividades econômicas no espaço sob o ponto de vista da máxima racionalidade: o padrão a ser seguido. No sistema regional de Lösch, existe um equilíbrio por parte das inter-relações de todas as suas localidades. Partindo do núcleo concêntrico de Christaller, existe uma distribuição espacial homogênea de todos os fatores. Dentro desta idéia de região, existe uma noção implícita em sua área de mercado, baseada em inter-relações de forças permanentes econômicas.

Apresentados por Áurea como os dois exemplos da escola francesa de conceitos convencionais de região, os conceitos de Perroux e Boudeville se diferenciam no tocante da questão espacial. Para Perroux, existe um ponto de partida na conceituação do espaço econômico, que se origina da crítica ao chamado espaço geocêntrico (espaço vulgar). Há de ser considerado o fato de que o estabelecimento pode ser formado por partes não contíguas. Existe então, a necessidade de que o conceito econômico contemple a idéia de fluxo, relação. São três tipos de espaços econômicos: conteúdo de um plano, conjunto homogêneo e campo de forças. O pólo de crescimento de Perroux encontra-se no terceiro modelo (campo de forças). O pólo de crescimento é o local onde está situada a chamada empresa-motriz, que é aquela que tem a capacidade de induzir à expansão ou a retratação, um conjunto maior de atividades. A indústria motriz impulsiona a atividade econômica. Para Perroux, a região seria área de influência de um pólo, e a empresa motriz define qual é esta região.

Para Boudeville, porém, existe uma diferenciação de Perroux no sentido de espacialização – como já foi citado. O papel de Boudeville consiste em ter explicitado espacialmente, uma tipologia de regiões: três tipos – homogênea, polarizada, e plana (região-programa). Dentro destas, explicam-se no texto: região homogênea, espaço contínuo, com suas partes todas semelhantes. Região polarizada: espaço heterogêneo, partes complementares mantém com o pólo dominante intercâmbio maior entre si do que com a região vizinha. É nesta que existe uma fundamentação muito grande em Perroux: região plano: espaço contíguo de uma mesma decisão. Constitui-se num resultado submetido a uma decisão.

Áurea observa que mesmo com a aproximação temática de ambos os autores, existe uma dada limitação dentro desta aproximação. Em suma: apenas o cerne de

Perroux se encontra em Boudeville. As idéias de Perroux funcionam então como um fio-condutor em Boudeville.

Mesmo com a idéia de criticar a teoria dos pólos, por ser fundamentada em um conceito de região baseado nos termos econômicos, não se pode deixar de lado o fato de que a análise da região pela teoria dos pólos, é essencialmente industrial.

A idéia apresentada por Áurea como Teoria da Base Econômica de Exportação, tem em seu objetivo final uma análise do desenvolvimento da região mais do que um conceito em si. Esta teoria fundamenta-se, segundo o texto, no fato de que existe uma distribuição de recursos naturais determinada para diferentes áreas da superfície terrestre. Por consequência, cada área apresentará uma diferente especialização na produção de seus bens e produtos. Para Áurea (Breitbach, p. 41)

O fator básico de crescimento de uma região está no crescimento de suas atividades de exportação e, para tanto, é necessário que haja expansão da demanda externa da região. Deste modo, as diversas regiões praticam um intercâmbio comercial com a finalidade de suprir seus mercados daqueles bens que não são produzidos localmente. (...)

Com estes mecanismos, nota-se, novamente, o conceito de região econômica, supondo uma região com um crescimento auto-sustentável.

É possível uma provável e oportuna ponte com a idéia de o meio natural, ser apontado como fator de produção, por Gastaldi (2005:p.104)

Por terra, como fator originário de produção, os economistas entendem o conjunto de coisas úteis que o homem encontra em seu ambiente natural, com destaque especial à superfície fértil do globo, indispensável à produção agrícola e às riquezas contidas em seu subsolo, utilizadas na indústria da mineração e eventual produção de petróleo.

Tratando em linhas gerais os conceitos eventuais abordados pela autora, é possível notar a clara preocupação em determinar a região através da luz da economia. Sob este aspecto, as abordagens de região então apresentadas por Áurea falham por determinarem uma região não preocupada com a produção etno-cultural de uma dada sociedade. É talvez falha também no que diz respeito a outras abordagens de região – como, por exemplo, a determinação de uma região sob o aspecto do fluxo de pessoas de um ponto a outro.

É importante também salientar que é possível classificar como uma idéia de região – dentro do foco da ciência geográfica – o conceito de paisagem, por este último, conter elementos que cabem dentro do que se pretende analisar com o propósito do conceito de região. A autora aponta que para o âmbito geográfico, para as abordagens até então citadas, “a noção de região fica atrelada a uma noção fundamentalmente empirista de espaço” (Breitbach, p. 42).

Antes de passar aos conceitos de região avançados, a autora traz, como transição

entre um capítulo e outro, uma reflexão – necessária – sobre idéias, do âmbito

geográfico (mas não exclusivamente utilizadas por este) que se fazem presentes

quando se pretende construir um conceito de região. É possível dividir esta

transição em duas grandes partes: a primeira que trata da conceituação da idéia de

espaço, através da óptica da própria autora pro meio de outros conceitos, e, a segunda parte trata da conceituação da idéia de formação social, da mesma forma que a anterior.

Dentro do que se pretende tratar como conceito de espaço, Áurea Correia recorre a basicamente conceitos de outros autores, costurando-os de forma que se solidifiquem em apenas uma única idéia de espaço. Primeiro existe a problemática de o espaço não ser cientificamente definido: qualquer pessoa “sabe” o que é espaço, mas não possui meios de condicioná-lo em um conceito simples. Segundo Godoy (2004: p.02), “Tanto Platão como Aristóteles, concebiam o espaço e a matéria como sendo inseparáveis e a geometria seu elo abstrato de ligação”. Existe fundamento nesta explicação. Poder-se-ia explicar o espaço como um recorte de um território, ou mesmo uma simples “mini-região” automaticamente definida pela consciência humana. “Na tentativa de especificar melhor o que se entende por espaço neste trabalho, partimos da crítica à noção empírica, que atribui ao espaço a idéia de substrato como um continente que é dado como existente (...)” (Breitbach, p. 44).

No trabalho de Áurea, o conceito de espaço utilizado é um contraponto à noção de espaço como uma idéia empírica e neutra, preexistente dentro da organização social. O conceito de espaço utilizado por Áurea traz uma idéia teórica por parte da análise do espaço como formulações do materialismo histórico. Para a autora (Breitbach, p. 46), dentro desta perspectiva, “trata-se de relacionar, em imediato, a organização social com o contexto material correspondente, pois constitui a própria essência do materialismo atribuir decisiva relevância ao real/material”.

Em suma, o espaço, para a autora do texto, com todas as relações utilizadas dentro dos conceitos abordados por outros autores, é uma concepção/materialização do que o homem utiliza para sua organização como ser social (sendo esta organização perene e fundamentada em um objetivo como trabalho, por exemplo) e não simplesmente um recorte esdrúxulo do que se apresenta no seu campo de visão.

No que diz respeito à formação social, a autora recorre a algumas para suas explicações. Dentro do que a autora entende, a partir de reflexões que tem como ponto de partida autores como Marx e Engels,

A formação social expressa as particularidades de uma organização social determinada e, por isso, constitui-se no âmbito conceitual mais adequado para a observação dos elementos espaciais. Entretanto, justamente por seu caráter

mais abstrato, o modo de produção designa tão somente a essência das relações sociais presentes em diversas formações sociais (...) (Breitbach, p. 59)

Portanto, entende-se que a formação social é, segundo conclusões de Áurea, a ação do modo de produção dentro do espaço definido pela sociedade em questão, levando então os seres à interação sócio-espacial.

Dentro do segundo grupo – o grupo das formulações avançadas - dos conceitos de região abordados no corpo do texto por Áurea Correia estão os autores que prezam por um conceito de região distinto do apresentado pelo grupo anterior: primam pela compreensão da região sem priorizar a análise econômica.

O primeiro autor apresentado por Áurea, Alejandro Rofman, preocupa-se em entender a origem das desigualdades sociais na Argentina, no desenvolvimento deste país. Então, por conseguinte, Rofman preocupa-se em analisar e criticar as relações sociais capitalistas, bem como suas principais conseqüências. Para Rofman, a região é conceituada através de uma idéia integral que expresse no seu bojo, a realidade espacial em um contexto histórico-social. Dentro do estudo apresentado por Áurea Correia, sobre as idéias de Alejandro Rofman, a formação sócio-econômica faz-se fundamental.

Partindo dos mesmos princípios, Luis Jose Coraggio define região como, basicamente, uma forma espacial sobre a qual se assenta um subconjunto social determinado. Devido isto, Coraggio reduz a região a uma forma de território, pois depende de relações humanas em função do espaço onde se estabelece com tais regiões.

Distinção básica entre as diferentes formas de determinação (social e natural) não se pode entender a região de uma maneira meramente determinista. Como cita Áurea Correia (Breitbach, p.68) “Ao analisar os processos sociais e a regionalização, Coraggio inicia com a divisão social do trabalho e o papel que nela desempenham as determinações naturais, para chegar à noção de divisão territorial do trabalho”. Em miúdos: a divisão social do trabalho não é apenas fruto direto das relações humanas em si, mas também das relações do homem com o natural, pois o processo produtivo passa pelo natural – utiliza-o.

Na continuação de sua análise, Áurea apresenta as idéias de Horácio Sormani. Sormani indica que o conceito de região parte da perspectiva histórica dos modos de produção como fatores condicionantes da organização sócio-espacial. Ora, seria possível afirmar que, partindo de um ponto de vista aparentemente ligado a um conceito de região como conseqüência direta de um modo de produção, talvez fosse

possível enquadrar Sormani no mesmo grupo daqueles teóricos que conceituam a região partindo de uma perspectiva econômica – ou seja, não atrelado ao grupo dos autores com conceituação avançada. A autora explica, ao apresentar as idéias de Sormani, que ele (Breitbach, p. 71) “parte do princípio de que a estrutura do espaço não é o simples resultado de uma permanente adaptação do homem a seu meio-ambiente, mas a expressão, num dado momento, do caráter da formação social histórica assentada num determinado território”. A partir disto, coloca-se clara a idéia de analisar a formação sócio-econômica por uma perspectiva voltada para a construção de uma idéia de região pautada pela interação do fator econômico com os fatores culturais/sociais. Para Horácio Sormani é importante entender que a formação social do trabalho – por isso a necessidade de compreensão do modo de produção como fator condicionante – leva a uma divisão territorial do trabalho. Porém, esta interpretação da região, leva ainda as considerações da determinação ambiental como modelador da organização espacial do homem. Segundo Corrêa (1999, p. 09)

Foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a geografia que emerge no final do século XIX, com a passagem do capitalismo concorrencial para uma fase monopolista e imperialista.

A partir da análise de Corrêa, é possível notar alguma similaridade com os estudos de Sormani em detrimento da região como uma funcionalidade ambiental/social, com as idéias deterministas que surgiram pra explicar, então, a relação homem-meio no alvorecer de uma fase crucial do desenvolvimento capitalista: o final do século XIX. A principal similaridade surge no contexto histórico: o determinismo relevou o meio natural como análise pra explicação da formação sócio-espacial do homem em uma época em que a busca por recursos era fundamental para o desenvolvimento do sistema de produção vigente – o capitalismo. As idéias apresentadas por Áurea, a respeito de Sormani, apresentam a região como consequência espacial do desenvolvimento desigual do capitalismo. A região, seria então formada a partir da interação do método de produção em questão, com suas particularidades ambientais, formando (por ser uma concepção capitalista) uma sociedade estratificada, explicando a região, através da territorialização destes extratos sociais.

Como último dos autores da então corrente avançada do seu estudo sobre o conceito de região, Áurea Correia apresenta um bom apanhado das idéias de Alain Lipietz. Bem como a abordagem utilizada por Sormani, Lipietz, tem como cerne de sua conceituação de região, a inserção do sistema capitalista na organização espacial.

Basicamente, Lipietz não busca no seu trabalho um conceito de região em si: apresenta uma série de estudos de como o capitalismo cria regiões de desenvolvimento desigual – porém, a partir destes estudos, segundo a autora, é possível (Breitbach, p. 75) “extrair daí um conceito de região capaz de expressar, com suficiente clareza, a realidade regional capitalista.”

Dentro do estudo apresentado pela autora, Lipietz observa que existe um certo entrelace da conceituação de espaço sob o ponto de vista político: reveste tal idéia com três formulações de articulação política. São elas: 1) Formação social nacional: existe nesta articulação política uma junção entre o modo de produção dominante e as classes sociais dominantes, o que possibilita uma utilização do aparelho estatal, assegurando hegemonia política. 2) Armação regional: a articulação das relações sociais é capaz de resolver as contradições propostas pelas classes dominantes. 3) Bloco multinacional: conjunto de estados dentre os quais, existe a figura de um dominante centro-imperialista.

A questão principal de Lipietz circula por uma prerrogativa dominante: como lembra a autora (Breitbach, p. 78) “(...) a categoria ‘modo de produção’ é a categoria central de todas as formações sociais”. Para Lipietz, não há análise de formação social que não se faça presente a estratificação através do capitalismo. O modo de produção capitalista, implica em uma estratificação social que ocorre através de um grupo com maior poder político, que detém o capital e os meios de produção. Esta estratificação leva a uma específica organização sócio-espacial, que, por conseguinte, leva a uma formação regional. Marx (1984) disse:

“Marcam época, na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação, sobretudo, aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como levas de proletários destituídos de direitos”.

A partir desta afirmação encontra em “O Capital” nota-se que as transformações sociais da implementação capitalista, obrigatoriamente, trouxeram uma nova maneira do homem organizar-se espacialmente, bem como, não existe leitura de espaço, ou região, sem levar em conta, todos os processos de instauração do regime de exploração do modo de produção. Isto se explica em Lipietz na atribuição do atrelamento político à estratificação social, levando a uma formação regional traduzida pela organização social destas formações desiguais de classes na sociedade.

Para Lipietz, o modo de produção pode ser compreendido em dois ângulos diferentes: um horizontal, e um vertical. Dentro da compreensão horizontal do modo de produção, entende-se pelo processo que o modo de produção desencadeia na busca por uma hegemonia internacional – portanto uma análise de sistema econômico a nível mundial. Esta análise econômica de nível mundial constitui-se em três pontos: 1) Fase mercantilista: comércio externo de mercadorias desempenha um papel importante, pois permite que a manufatura se desenvolva mais rapidamente. 2) O segundo ponto afirma que cada sociedade produz e escoia aquelas mercadorias que lhe são mais vantajosas. Segundo Lipietz, isto divide o mundo em duas partes: o centro (países de desenvolvimento capitalista) e a periferia (países ainda em formação capitalista). Portanto, a articulação destas partes divide o mundo (e a possível formação regional) em um centro imperialista e uma periferia dominada. 3) O terceiro ponto consiste na formação dos monopólios internacionais, quando o centro passa a dispor de meios para transferir sua localização, integrando as formações sociais dominadas no processo produtivo.

Lipietz utiliza estas analogias voltadas para as relações econômicas internacionais para demonstrar o caráter de dominação encontrado nas próprias, e com isto, utilizar a mesma analogia para explicar a interferência do modo de produção na formação

sócio-espacial, e inter-regional. O conceito de região utilizado então por Lipietz é formulado através de um conjunto de países, embora estas mesmas considerações possam ser utilizadas a nível intra-nacional.

O segundo ângulo, o vertical, trata da articulação do modo de produção entre ramos. Sob esta luz, Lipietz, citado por Áurea Correia, “introduz a noção de ‘circuito de ramo’” que significa a especialização sincrônica dos diversos tipos de trabalhos, os quais concorrem nos processos de produção que entrecruzam no ramo”. O circuito de ramo, é, em sua essência, uma compreensão da ação econômica sobre a idéia de região. Este circuito se apóia em três tipos de região, que seguem abaixo:

Primeiro tipo:

- Laços estreitos entre os centros de negócios, centros de engenharia, e estabelecimentos de investigação ensino tecnológico científico.
- Valor elevado da força de trabalho
- Grande fração da mão de obra qualificada.

Segundo tipo:

- Densidade relativa de mão de obra qualificada;
- Estrutura produtiva correspondente à fase da grande indústria, no mínimo.
- Valor médio da força de trabalho.

Terceiro tipo:

- Reservas de mão de obra não qualificada
- Baixo valor de reprodução da força de trabalho
- Estrutura industrial obsoleta

O “circuito de ramo” funciona como uma série de conexões entre estes três tipos de região, no cerne de um processo que utiliza das peculiaridades regionais em função da organização espacial pretendida através da permutação dos protótipos de região propostos por Lieptz. É importante salientar que a óptica do circuito de ramo prioriza a esfera da produção na conceituação de região, mas como agente modificante da formação sócio-espacial.

Resumidamente, depois de todas as apresentações da autora, entende-se que as idéias de Lieptz para entendimento (e não conceituação) da região, voltam à própria como reprodução material da sociedade, ocorrente com maior freqüência no capitalismo, que estabelece com nitidez a formação de regiões desigualmente desenvolvidas – estratificadas em reflexo de uma sociedade formada de tal maneira.

Após todas as reflexões de Áurea Correia sobre todas as idéias de regiões apresentadas pela própria, alguns pontos são perenes e perceptíveis: o conceito de região não é um conceito universal, uma vez que as conceituações de espaço e entendimento de relações sociais são mutáveis. Vista a região desta forma, é vital a maneira como a autora do texto aborda a necessidade de uma profunda reflexão de conceitos que são anteriores à região – como o conceito de espaço, por exemplo. As reflexões propostas por Áurea são fundamentais para aqueles que desejam aprofundar-se nos estudos da geografia regional.

Referências bibliográficas:

BREITBACH, Áurea Correia de Miranda. **Estudo Sobre o Conceito de Região**. Porto Alegre-RS: Fundação de Economia e Estatística Emanuel Heuser, 1988

CORBUSIER, Le. **Planejamento Urbano (Manière de penser l'urbanisme)**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1971

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática 1999

GASTALDI, José Petrelli, **Elementos de Economia Política**. 19ª edição, São Paulo: 2005

GODOY, Paulo, **Uma reflexão sobre a produção do Espaço**. Estudos Geográficos, Rio

Claro, junho de 2004

url: <http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%203/eq0201pg.pdf>

Acesso em: 22 de junho de 2007

MARX, Karl. **O Capital (Capítulo XXIV, Livro Primeiro, Volume Dois)**. São Paulo: Editora Difel, 1984

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

XI SULPET

Entre os dias 01 e 04 desse mês aconteceu na FURB, em Blumenau, o XI SULPET, cujo tema foi **“XI SULPET: Transformando a Realidade Nacional – PET: Desafios e Diretrizes”**. Coube ao nosso grupo, em conjunto com os PET Engenharia Elétrica (UDESC) e PET Biologia (FURB) organizar o evento.

Durante os três dias aproximadamente 600 pessoas, entre petianos, tutores, ex-petianos e convidados especiais, circularam no campus da FURB. Os temas pertinentes ao evento foram discutidos em várias sessões, como os encontros por áreas de afinidade, encontro de tutores, encontro de egressos e os GTs – Grupos de Trabalho. Também foram oferecidas oficinas gratuitas aos petianos e super jantares com culinária típica alemã. No segundo dia do evento os petianos curtiram bastante a “mini-oktoberfest” no salão do Clube de Caça e Tiro, com direito a muita música e dança germânica, além do famoso chopp blumenauense que logicamente não poderia ficar de fora.

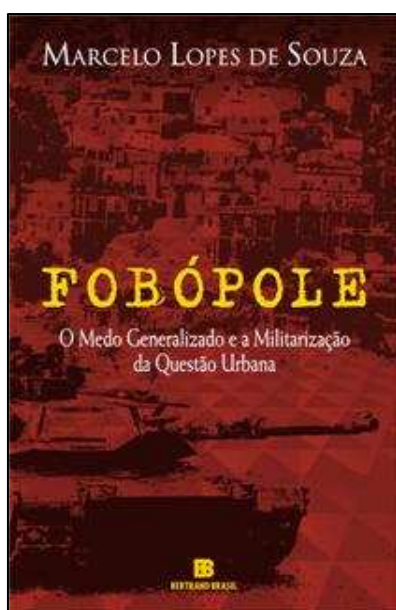
Do ponto de vista científico o evento foi um verdadeiro sucesso. A troca de informações e experiências vividas pelos petianos certamente teve muito a acrescentar na formação dos petianos e continuidade de todos os grupos participantes. Em breve os documentos dos GTs, bem como a ata da plenária final (sujeita à alterações) estarão disponíveis no site do evento – www.furb.br/sulpet

O grupo PET Geo agradece a todos que, de alguma forma, se envolveram e tornaram possível o XI SULPET, em especial aos PETs parceiros de organização da Biologia e Engenharia Elétrica. Aguardamos ansiosamente pelo XII SULPET, em Curitiba, desejando toda a sorte aos PETs da UFPR. Até lá!



PET-Indica

(sugestão de filmes, livros, etc)



Obra: Fobópolis - O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana

Autor: Marcelo Lopes de Souza

Lançamento: Maio de 2008

Editadora: Bertrand Brasil

O medo de sofrer uma agressão física, de ser vítima de um crime violento não constitui nada de novo; ele se fez presente desde sempre e se faz presente, hoje, em qualquer cidade. Porém, em algumas bem mais que em outras, e em algumas muito, muitíssimo mais que em outras. Uma “fobópolis” é, dito toscamente, uma cidade dominada pelo medo da criminalidade violenta. Mais e mais cidades estão, na atual quadra da história, assumindo essa característica. Em ***Fobópolis: O medo generalizado e a militarização da questão urbana***, Marcelo Lopes de Souza, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e vencedor do Prêmio Jabuti, analisa a forma pela qual a problemática da (in)segurança pública, tendo por pano de fundo o medo generalizado, vai se convertendo em um formidável fator de (re)estruturação do espaço e da vida urbanas.

O termo “fobópolis” é o resultado da combinação de dois elementos de composição, derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa “medo”, e *pólis*, que significa “cidade”. A palavra condensa aquilo que se tenta qualificar como cidades nas quais o medo e a percepção do crescente risco, do ângulo da segurança pública, assumem uma posição cada vez mais proeminente nas conversas, nos noticiários da grande imprensa etc., o que se relaciona, complexamente, com vários fenômenos de tipo defensivo, preventivo ou repressor, levados a efeito pelo Estado ou até mesmo pela sociedade civil – o que tem claras implicações em matéria de organização do espaço urbano e relações sociais. A imagem-síntese da “fobópolis” engloba muito daquilo que, agora e no futuro, deve estar no cerne das preocupações em torno da justiça social e da liberdade, que correm o risco de ser cada vez mais sacrificadas em nome da “segurança”.

Ainda que metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo sejam exemplos notavelmente didáticos da problemática em pauta, não apenas em muitas outras grandes cidades brasileiras os riscos direta ou indiretamente relacionados com a criminalidade violenta ganham importância e visibilidade: mais e mais, também cidades médias vão assumindo destaque nesse cenário. Conquanto o centro das atenções da obra seja a realidade brasileira, guardar uma perspectiva internacional é imprescindível para se evitar um provincianismo analítico. Por isso, ***Fobópolis***, de Marcelo Lopes de Souza, contém numerosas comparações entre a realidade brasileira e aquelas de outros países. Por tudo isso, ***Fobópolis*** é um livro essencial para a compreensão da questão urbana neste começo de século.



Obra: A terra como invenção - O espaço no pensamento social brasileiro
Autor: João Marcelo Ehlert Maia
Lançamento: Maio de 2008
Editora: Jorge Zahar

De forma original e bem fundamentada, este livro analisa o conceito de espaço no pensamento social brasileiro durante a Primeira República (1889-1930) e levanta questões curiosas. Por que pensadores urbanos, preocupados com a modernização do Brasil nas primeiras décadas do século XX, vislumbraram na categoria terra, tão distante do imaginário de sua época, uma chave para entender o país? Atrás de respostas, o autor examina os escritos de alguns importantes intelectuais do período como Euclides da Cunha e Vicente Licínio Cardoso. Mais do que um simples argumento geográfico, essa imagem tornou-se um modo de compreensão da nossa realidade.



Filme: Across the Universe
País: Estados Unidos
Lançamento: 2007
Gênero: Musical
Duração: 131 minutos
Direção: Julie Taymor
Elenco: Evan Rachel Wood, Jim Sturgess, Joe Anderson, Dana Fuchs, Martin Luther.

Para os “beatlesmaníacos”, essa é quente. O filme conta a história de Jude, um jovem que abandona sua cidade natal (Liverpool) rumo aos Estados Unidos para conhecer seu pai. No novo continente ele se apaixona por Lucy, uma garota rica, irmã de seu amigo Max. Quando Max é convocado para a guerra do Vietnã, Jude e Lucy se tornam ativistas da paz e o casal embarca em uma história de amor em ritmo musical, situada em meio à luta pelos direitos civis e protestos anti-guerra, além da explosão da geração paz e amor dos anos 60. O filme faz uma combinação de live action (atores de carne e osso), pinturas e animações em terceira dimensão. Os diálogos do filme são majoritariamente interpretados em canções dos Beatles - assim como muitos dos personagens têm nomes usados nas músicas do grupo britânico. O filme ainda conta com participações especiais dos cantores Bono Vox (U2) e Joe Cocker.

Eventos

“V Seminário Latino-Americano e Ibero-Americano de Geografia Física”

Data: 12 a 17 de maio de 2008
Local: Santa Maria, Rio Grande do Sul
Informações pelo email: yslagf@mail.ufsm.br

“II Encontro de Geografia Física da Amazônia”

Data: 19 a 21 de maio de 2008
Local: Universidade Federal do Pará, Belém – PA
Informações pelo site: <http://www3.ufpa.br/iieqf/>

“III Congresso Brasileiro de Oceanografia”

Data: 20 e 24 de maio de 2008
Local: Centro de Convenções do Ceará, na cidade de Fortaleza.
Informações: www.cbo2008.com/apresentacao.html

“IV Simpósio da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental”

Data: 28 à 30 de maio de 2008
Local: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Inscrições pelo site : <http://www.fafich.ufmg.br/solcha/pt/inscricoes.html>

“VI CBPE – Congresso Brasileiro de Planejamento Energético”

Data: 28 a 30 de maio de 2008
Local: Fiesta Bahia Hotel, Av. Antonio Carlos Magalhães, 711 - Pituba - Salvador, BA
Informações: <http://www.sbpe.org.br/vicbpe/>

“VI ENABER - Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos”

Data: 20 a 22 de Outubro de 2008
Local: Aracaju – SE
Informações: <http://www.enaber.com.br/>

Chamadas

- O **IPAM – Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia** (www.ipam.org.br) está selecionando um (a) especialista em SIG Arcinfo/Arcview para trabalhar num projeto envolvendo a elaboração de Planos de Utilização e Planos Básicos para Projetos de Assentamento Agroextrativista do Incra na várzea do Baixo Amazonas no Estado do Pará. Entrega dos currículos, carta de apresentação e de recomendação – até 1/06/08.
- A submissão dos resumos dos trabalhos para o VI ENABER pode ser feita até o dia 30 de junho de 2008, diretamente no site do evento www.enaber.com.br

CONVITE

Cine ARTH
Cinema & humanidades

E **GEOGRAFIA, CAFÉ E TEMAS**
APRESENTAM:

O DIREITO À CIDADE:
ESPAÇO DOS POBRES



MESA - REDONDA:

CIDADE, IDENTIDADE SOCIAL E TERRITORIALIDADE

PROFESSORES: **EBER PIRES MARZULO - ARQUITETURA (UFRGS).**
MARGARETH DE CASTRO AFECHÉ PIMENTA – ARQUITETURA
(UFSC).

HORÁRIO E LOCAL: **DIA 30 DE MAIO, 14:30 HS NO AUDITÓRIO DA FAED**
(UDESC).



EXPOSIÇÃO E DISCUSSÃO DO DOCUMENTÁRIO:

BABILÔNIA 2000 DE EDUARDO COUTINHO

COM COMENTÁRIOS DO PROF. EBER MARZULO (UFRGS).

DIA 30 DE MAIO, 18:30 HS NO AUDITÓRIO DO CEART
(UDESC).

ORGANIZAÇÃO:
NÚCLEO DE ESTUDOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS – NEPP.
LABORATÓRIO DE RELAÇÕES DE GÊNERO E FAMÍLIA –
LAGEF.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – CCHE / FAED
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
AV. MADRE BENVENUTA, 2007 - ITACORUBI - FLORIANÓPOLIS - SC
CEP: 88.035-001 - FONE: (48) 3321-8500 - FAX: (48) 3321-8501

Atividades do PET programadas para Maio

01/05 a 04/05		SulPET
05/05	8 h	Reunião Administrativa com a Tutora
07/05	8 h 17:00 h	Reunião da Pesquisa com a Tutora Seminário de Estudos: América Latina
12/05	8 h	Reunião Administrativa com a Tutora
14/05	8 h 19 h	Reunião da Pesquisa com a Tutora Palestra com o CREA sobre a importância do Geógrafo no conselho
15/05	17:30h	Seminário de Estudos de Textos Clássicos – Filosofia e Política: O Príncipe Cap. XVI ao XIX e XXI e XXII Maquiavel
19/05	8 h	Reunião Administrativa com a Tutora
21/05	17:00 h	Seminário de Estudos: América Latina
22/05	8 h	Reunião da Pesquisa com a Tutora
23/05	17:30h	Seminário de Estudos de Textos Clássicos – Filosofia e Política: Mandrágora - Maquiavel
26/05	8 h	Reunião Administrativa com a Tutora
26/05 a 30/05		XXIV Semageo da UFSC
28/05	8 h	Reunião da Pesquisa com a Tutora